

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Tel. 34. Secção do expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

## Editorial

### A defesa dos interesses vimaraneses

Muita gente estranha a nossa atitude de acérrimos defensores dos interesses de Guimarães e acha extraordinário que não bebamos nas chamadas «fontes oficiais» a linfa da verdade que delas brota, para que deslizes não sejam verificados e, outrossim, se vá ferir as susceptibilidades daqueles que ocupam cargos de destaque, tendo em mira servir a cidade e o concelho.

Deshabituada de ouvir da nossa bôca o elogio que é sempre agradável, essa parte da população benze-se ao ler um artigo que se imponha pelo desassombro ou morde-se de inveja quando o *suelto* espicaça e faz sangria, certa de que lavramos em erro e o fazemos com fins tendenciosos.

Ora, nada é menos verdadeiro que isto.

A nossa atitude não merece apodos nem justifica tendências para fins desconhecidos.

Intransigentes defensores da nossa Terra, desejando vê-la caminhar na senda do Progresso, criticaremos tudo o que de mau se apresente e louvaremos aquilo que nos surja de bom. Vimaraneses duma só fé e dum só querer, não nos bastam as *leornas* que se lancem em propostas apresentadas para confundir o boécio, anunciadoras de projectos inverosímeis que... são guardados com avidez no fundo do cesto dos papéis velhos. Amantes extremos da velha *Araduca*, também não nos satisfazem as exhibições... eruditas dos chamados arqueólogos de cérebro branco que se pavoneiam e exibem com ares de pessoas importantes, mas a quem a vaidade tirou o senso, para fazer de novo o que já era velho e, de igual modo, criar antiguidades que já mais tiveram existência real.

Sendo assim, pela inacção que campeia e pelo desgosto que se estereotipa nos rostos da grande maioria, entendemos que estamos bem nesta trincheira de alerta, dispostos sempre ao combate, sempre de ânimo levantado e com os olhos postos no bom nome da nossa terra, sem outros intuitos que não sejam os de não permitir desleixos que nos inferiorizem ou deixar por mãos alheias o crédito que só a nós, vimaraneses, pertence.

— Pão, pão... queijo, queijo...

E podemos gritar bem alto: Guimarães é a nossa terra. Só nos cumpre zelar pelo seu Progresso, sem outros fins que não declarem o nosso muito amor por Ela e a

## Ecoss do Armistício

### Pró-Mortos!

A Sub-Agência da L. C. G. G. levou a efeito, dentro das suas possibilidades e das simpatias que possui, a comemoração do aniversário do Armistício que pôs termo à Grande Guerra.

Para esse fim foram umas dezenas de pessoas ao antigo quartel que alojou o bravo Regimento de Infantaria n.º 20, onde se encontram esculpidos os nomes dos filhos que Guimarães perdeu nos campos de batalha, e ali lhes prestaram as suas homenagens. Bem haja a direcção da Sub-Agência de Guimarães; bem hajam todos aqueles que, sentidamente, lhe ofereceram a solidariedade nesse acto solene, levado a efeito em todo o país e mais: em todo o mundo. Bem hajam, para todo o sempre, esses corações generosos e almas espelhantes, na maioria verdadeiros seres humildes, que arrostaram com a indiferença dos que sentem horror por essa manifestação pro-mortos; bem hajam esses corações fortes e almas cândidas que enfrentaram, corajosamente, o olhar desprezível e o riso alvar, como a pose grotesca daqueles que se julgam detentores do civismo ou expoentes máximos das mais preclaras virtudes. O vosso gesto, romeiros do Armistício, foi uma lição prática, sincera e comovente que, no fundo, havia de ter escaldado as faces dos inimigos da homenagem pro-mortos da Grande Guerra sintetizada no seu monumento a levantar na terra que foi o nosso bérço e, sabe-o Deus, será a nossa sepultura. A vossa condição humilde, longe de vos deprimir, elevou-vos perante Deus e perante a memória das almas dos seres vitimados que, junto d'Ele, assistem, contritos, ao desencadear das paixões vis e dos ódios mal contidos dos monumentofobos que, infelizmente, são nossos irmãos, por serem filhos de Guimarães uns, e outros, por terem aqui o seu lar e ganharem, consequentemente, nesta abençoada terra, o pão para si e seus filhos. Não é pela indumentária que se conhece o vilão; a vileza, gera-a a alma, e expele-a o coração. Há, muitas vezes, mais nobreza de sentimentos no peito dum plebeu que no daquele que se julga um autêntico Petrólio, árbitro das mais requintadas elegâncias materiais.

Na comemoração do Armistício, em Lisboa, figurou entre outros, quer estrangeiros (franceses, belgas e italianos) quer nacionais, o estandarte da Sub-Agência de Guimarães! Logo que o divisei saí da formatura para o acompanhar mais de perto e, para mais perto, me sentir da terra que me alimentou o espírito, formou o carácter e me educou. Assim, sem que o seu portador e a escolta se apercebessem da minha presença, acompanhei-o, extra-formatura, como simples anónimo, até junto do monumento. Durante os dois minutos de silêncio, estandartes em continência, os meus olhos fixaram avidamente a sua legenda e os meus lábios ciciaram, religiosamente, a palavra *Guimarães! Mãe de Portugal!* segundo a imagem felicíssima do poeta e do amigo Freitas Soares, na sua maviosa e dulcíssima «Canção da Saúde»! Alma suspensa! Coração a fremir!

Terminados esses dois minutos de sepulcral silêncio, estandartes flutuando impelidos pela aragem, Avenida da Liberdade, abaixo, perdido já o símbolo da Sub-Agência da minha querida Guimarães, o meu pensamento transportou-se para os sectores de *Ferme du Bois* e *Fauquissart*, onde os soldados do bravo 20 se bateram, honrando Guimarães e enaltecendo a Pátria! Depois, para compensar a ingratidão e o esquecimento de muitos vimaraneses, a minha alma dorida vogou, com piedosa serenidade, para o cemitério de *Richebourg d'Avoué*, onde repousam, em perto de duas mil campas, os cadáveres de portugueses, entre os quais se encontram, se não todos, muitos dos filhos de Guimarães, e lá deixou uma *Avé-Maria* para todos! A Sub-Agência da L. C. G. G. mandando o seu estandarte a Lisboa, embora prejudicasse, um pouco, a manifestação da

repulsa por quem não a acarinhava com o devido respeito.

Façam progredi-la, e ver-nos-ão a seu lado!  
Temos dito.

## «A Raça Portuguesa em 1640,, Mas foi em sonho...

*A Pátria agonizava em convulsões estranhas. O Sol era encoberto, indistinto, enublado; Quando apontava, cedo, aos cimos das montanhas, Em rúbidos clarões, fugia envergonhado... O horizonte restrito, oprimido e doentio. Em cada Lusitano o rosto era sombrio. No Céu, a Lua inquieta e pálida e mais baça, Também acompanhava o mal da nossa raça.*

*Pusilânime, exangue e prestes a morrer, O heróico Portugal, cansado de sofrer, Decrépito, velhinho — aspecto moribundo, — Considerado, out'ora, o Rei do vasto mundo, Nobre Descobridor das Ilhas do Mar, Destemido Guerreiro...*

*Então, a agonizar, Com êle se extinguía a Raça Portuguesa, Num Alvares, Camões, os Feitos de Grandeza De Gil, Cabral e Gama. E a Nação oprimida, Suportava, com Fé, a súcia indefinida.*

*Primeiro de Dezembro. E' já de madrugada. — Alerta, Português! Empunha a tua espada! Lisboa — a Capital — escrava à sua ideia, Requeira a Liberdade e pelo grito anseia De guerra à opressão e luta à tirania! Tramam vingança o clero e a flor da fidalguia. Alvorocado o povo acode às armas. Logo, Encaminha-se ao Paço. Atroa vivo o fogo!*

*Há grande animação de vozes e atropelos. Lançam de um andar Miguel de Vasconcelos, Expirando, na rua, o misero traidor.*

*A luta se prolonga a rasgos de valor!*

*Cahninhando a Justiça, em breve, irrompe certa. A terra Portuguesa, então, fica liberta! E a altiva população, arvorando o pendão, Exclama: — Viva a Pátria e Viva D. João! Abaixo a tirania, abaixo os castelhanos!*

*E, enriquecendo a História, os bravos Lusitanos — Um grupo de quarenta aproximadamente, — Fixaram debandar, fugir covardemente, Com aplausos gerais de todas as nações, — Quixotes, beaguins, milhar's de fanfarrões!...*

LEÃO MARTINS.

nossa terra, sujeitando-se a despesas, dignificou-se perante a Liga-Mãe e honrou a terra vimaranesa.

Bem haja a sua direcção pelo seu gesto, merecedor de melhor testemunho que aquele que, embora apagadamente, na impossibilidade de o fazer melhor, aqui lhe deixou patenteado a sincera e espontaneamente. E', assim, que uma colectividade — oficial ou particular — se impõe à consideração da grei, quando esta, por *fás e por nefas*, lhe nega, impede ou contraria, pretende amesquinhar ou tornar risível, elementos denotantes de profunda estupidez ou idiotia permanentemente alvar.

Novembro, 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

## A comemoração Gilvicentina

### O teatro e o monumento

O *Noticias de Guimarães* — honra lhes seja, — deu o seu aplauso incondicional ao alvite que apresentei para, no próximo ano, a nossa terra se associar, de um modo notável e bem saliente, às homenagens que vão ser prestadas a Gil Vicente, fundador do teatro português.

Defendia e defendo que a comemoração do 4.º Centenário da morte de Gil Vicente é a mais oportuna para se levantar, em Guimarães, um monumento condigno a esse vimaraneses ilustre. Numa reunião havida, no dia 18 de Novembro, na Câmara Municipal, a que assisti por gentil convite do seu digno Presidente sr. dr. José Francisco dos Santos, expus e defendi o meu ponto de vista, tal qual o expus e defendi num artigo publicado nas *Noticias*, de 3 de Agosto, no número que aquele diário da capital consagrou à terra vimaranesa.

Nessa reunião debateram-se dois pontos vitais que interessavam à nossa terra: — o monumento e o teatro. Mas, quando se falava no teatro, supunha-se, então, que a iniciativa da construção dum novo teatro ou a adaptação do antigo, teriam de ser da iniciativa do município. E, assim, como o município não podia tomar o

encargo do monumento e do teatro, ao mesmo tempo, concluiu-se que a construção do teatro seria, com outras demonstrações de carácter cultural, comemoração suficiente.

Surgiram depois duas propostas acerca do teatro: — uma do sr. João Teixeira de Aguiar, recebia com o mais vivo interesse e aplauso geral, e outra, que se pode chamar de complemento directo da primeira, do sr. A. L. de Carvalho. Estas duas propostas foram discutidas e aprovadas na última sessão do Município. Está Guimarães de parabéns. O teatro fica entregue — e muito bem entregue — ao bairrismo e dedicação do sr. Teixeira de Aguiar, a quem rendo, aqui, as minhas homenagens muito sinceras e a minha gratidão de vimaraneses.

Solucionado desta maneira o caso do teatro, sem encargos para a Câmara, volta a ser colocado, tem de ser colocado, em primeiro plano, o monumento a Gil Vicente.

Não poderá o Município chamar a si toda a despesa que o monumento acarretará? Mas, além de vimaraneses ilustre, glória da nossa terra, Gil Vicente é, também, uma glória de Portugal, de tal maneira que Menéndez y Pelayou assim falou que «a alma do Povo português só em Gil Vicente plenamente respira». Procure-se, pois, associar o Governo à comemoração Gilvicentina em Guimarães. Mas não percamos tempo, porque 1936 aproxima-se. Confio na boa-vontade, na dedicação e no bairrismo da actual Comissão Administrativa da Câmara Municipal. Honrar-se-á e honrará a nossa terra quem tiver o desassombro de tornar realidade esta antiga aspiração dos vimaraneses. Congreguemos os nossos esforços nesse sentido, saldando-se desta maneira a dívida em aberto a esse vimaraneses e português ilustre, irmão de Camões, — como lhe chamou Afonso Lopes Vieira, — e mestre admirável dos Autos.

25 de Novembro de 1935.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

**FERNANDO AIRES**  
ADVOGADO  
R. República - GUIMARÃIS

Um estrangeiro que vem a Guimarães — Os edifícios da Estação e dos Paços do Concelho — O 20 de Infantaria — O Parque à volta do Castelo — A inauguração do monumento aos Mortos da Grande Guerra e «muitas coisas mais».

Eu tinha ido não sei onde e vinha de regresso. A máquina do comboio, ofegante, arrastava um sem-número de carruagens cheias de povo — de povo que deixava exteriorizar a sua alegria e satisfação.

Era meu companheiro de carruagem, entre outros, um simpático francês, que falava correctamente o idioma de Camões. Trazia na mão um ramilhete de flores — de lindas flores naturais.

Nós — eu e o tal francês — havíamos entabulado conversa durante a viagem e eu ofereci-lhe os meus préstimos, ciceronando-o na cidade, visto êle me ter dito que não conhecia nada em Guimarães.

O comboio tinha entrado nas *aguilhas*, e dêle desembarcaram muitas centenas de pessoas. Principiei logo ali a missão para que me oferecera e que o francês aceitara.

Mostrei-lhe o edifício da Estação — um grande e elegante edifício de linhas modernas — por onde desapareceram, num momento, aquelas centenas de pessoas que o comboio despejara na *gare*. O francês gostou muito e disse-me que a aviação pelo edifício da estação do caminho de ferro, Guimarães devia ser uma linda e importante cidade.

Desvaneceram-me aquelas palavras e fomos andando, descendo à cidade pela Avenida Miguel Bombarda.

O francês mostrava-se satisfeito por tudo quanto se lhe ia deparando, e eu contente e orgulhoso por assim acontecer.

Depois de atravessado o Largo da República do Brazil, entramos na nova Rua 31 de Janeiro, onde o nosso hóspede apreciou as edificações modernas daquela artéria. Os Paços do Concelho, sobretudo, pela sua grandeza e majestade, causaram-lhe verdadeiro assombro, pois disse-me que não julgara vir encontrar numa cidade de província tão bela jóia arquitectónica. Ali o movimento era grande: uns entravam, outros saíam, pelos arcos do elegante edifício, o que lhe dava maior imponência e vida. No seu grande relógio — no relógio dos Paços do Concelho — acabavam de soar 11 horas...

Onve-se, ali, distintamente, o rufo de tambores e o toque de cornetas... Fomos, vagarosamente, andando, e achamo-nos em frente ao quartel de Infantaria 20, onde os soldados, irrepreensivelmente limpos, procediam à parada da guarda. O quartel estava engalanado — com ar festivo! Por nós passavam oficiais elegantemente vestidos com suas fardas vistosas e, alguns dêles, tinham o peito constelado de medalhas.

O nosso visitante não ficou surpreendido com aqueles preparativos de festa, pois, segundo me disse, já muitas vezes, e há muito tempo, os tinha presenciado em diversas cidades e vilas da Europa. No entanto, encontrando-se em Portugal, aproveitava esta ocasião para visitar Guimarães por ter tido conhecimento de que ela ia glorificar os seus mortos na Grande Guerra.

— E' que êle, confidenciou-me, há 18 anos, em França, combatera, em nome do Direito e da Justiça, lado a lado, com os soldados de Portugal — soldados êsses que compunham o glorioso Regimento de Infantaria 20. Os seus olhos viram muitos dêles cair ganhada, heróicamente, no campo de batalha. A sua bravura emocionou-o; por isso, não os esqueceu. Os seus companheiros de luta, naquele dia — dia em que os vimaraneses iam glorificá-los, inaugurando o seu monumento — tinham-no presente; podiam contar com as suas flores.

Eu estava radiante por ver chegada a hora do pagamento dessa dívida de gratidão. Não me apetecia deslocar da frente do quartel, esperando o momento da saída do 20 para a rua. Mas tinha de ser! — o meu companheiro esperava-me e eu tinha-lhe oferecido os meus préstimos.

Assim, fomos andando em direcção ao Castelo, contando eu ao francês o passado daquela reliquia veneranda, orgulho dos vimaraneses e orgulho dos portugueses. Ouviu-me com interesse e atenção.

A' volta do Castelo havia um formoso parque com frondosas árvores e muitos bancos. Convidei o francês a sentar-se, pois adivinhava nele certo cansaço. Acedeu... Disse-me, então, que gostava de Guimarães, que era uma terra linda e que não lhe desagrada

gradava viver dentro dos seus muros. O panorama que dali disfrutava-mos era imponente!

Apontei-lhe, ao longe, a Penha que se erguia em toda a sua grandeza, e êle mostrou desejos de a conhecer de perto. Eu disse-lhe, com miúdo, que o meio de transporte era relativamente caro e deficiente, mas que em breve isso seria resolvido. Guimarães tinha absoluta necessidade de cuidar desse problema e cuidá-lo-ia! O meu companheiro concordou...

Nisto, os acordes alegres de uma banda de música vieram interromper a nossa conversação. Era a banda do 20 que se punha em marcha à frente do seu heróico regimento em direcção ao Tournal, onde ia abrilhantar, com a sua presença, o acto solene da inauguração do monumento aos seus irmãos mortos na Grande Guerra!

Eu convidei, prontamente, o francês a que seguissemos o regimento. Êle concordou com satisfação!

Carro abaixo: o regimento marchava garboso. Em tôdas as janelas e sacadas do percurso havia flores, bandeiras, e lindas colchas pendentes. Em todos os rostos reinava sincera alegria.

Chegados que fomos ao Tournal, no sítio onde está o candelabro, deparámos com um formoso monumento: as suas linhas, as suas belas alegorias, a sua imponência e grandeza, fizeram saltar um ah! de espanto ao estrangeiro. Eu senti-me verdadeiramente comovido.

Povo, muito povo!, lindas raparigas, fardas vistosas, fardas humildes, trajes de corte impecável e fatos em desalinho — tudo se confundia na mesma onda de alegria e entusiasmo!

Bandeiras — muitas bandeiras! — das colectividades e, entre estas, destacava-se a da Academia, empunhada por um rapaz do 7.º Ano.

Ao lado do monumento levantava-se uma tribuna, lindamente decorada, a qual estava repleta de pessoas. Tudo quanto a cidade tinha de mais representativo achava-se ali. Ali estava também o sr. Ministro da Guerra e o seu séquito.

Era quasi chegada a hora de inaugurar o monumento e o francês feria de impaciência para depor o seu ramo — ramo que já o acompanhava quando o encontrei. Na multidão — mole intensa onde eu respirava com dificuldade — passava um frémito de impaciência e curiosidade. O 20 estava perfilado — garbosamente perfurado! O momento era solene. O coração saltava-me no peito. Em todos os rostos transparecia a comoção. Na tribuna, um orador de quem esqueci o nome, fez um discurso vibrantemente patriótico. Uma estridente salva de palmas coroa as suas últimas palavras. Há lágrimas em muitos olhos!

O sr. Ministro da Guerra desce da tribuna e encaminha-se para o monumento. Os corações parecem querer parar!

Momento solene, inolvidável! Os meus olhos iam, enfim, ter a alegria suprema, a suprema ventura, de ver saltar uma dívida há tanto tempo em aberto...

Onve-se uma colossal detonação. Os clarins do regimento dão o sinal de *sentido*. Era o momento supremo. Os mortos da Grande Guerra iam ser glorificados. Outra detonação atroa os ares e, a seguir, outra e outra e outra, etc. — contei até oito...

Nisto, alguém sacudindo-me mansamente, diz em tom carinhoso: — G... , acabam de dar 8 horas, precisas de levantar-te!...

Desconsolador despertar! Afinal, tudo aquilo que acabo de narrar e que tão fortes comoções me causou foi um sonho — um sonho que a minha alma anseia fervorosamente por ver transformado em realidade!

— Nunca mais soube nada do francês!... Tencionava ainda mostrar-lhe o *automóvel* do corrieiro com a sua *linda capota* em estilo zingaro, levá-lo à noite ao *Teatro*, etc., e não o pude fazer!...

— Paciência!

Novembro de 1935.

J. GUALBERTO DE FREITAS.

## Ainda a propósito da iluminação da Rua 31 de Janeiro

Ao reparo feito pelo nosso jornal, sobre o abandono e trevas da nova artéria denominada «Rua 31 de Janeiro» que tem começo ali, à Senhora da Guia, veio, felizmente, para abôno da nossa verdade, o auxílio do digníssimo Inspector das Indústrias Eléctricas, sr. Pinto Monteiro que, numa ati-

De Guimarães e dos Homens

Marasmo

A parte raras manifestações de vitalidade, tudo em Guimarães é marasmo e estagnação.

Guimarães não vive, vegeta, por muito que o neguem aqueles "bairristas", que confundem bairrismo com os seus apetites, de qualquer ordem que estes sejam.

Guimarães é pântano onde só rabeia uma certa fauna de bichinhos — e que bichinhos! — malfezidos, tórpes, só medrando na escuridão do lodo, untuosos ao tacto, mas cautelosa, a sua mordedura é peçonhenta.

Há que secar o pântano, há que revolver o lodo para trazer à luz do sol esses micróbios.

A luz do sol é bem fatal, mata-os redondamente.

Assim como nas regiões em que há mossa de sono, brigadas de saqueamento fazem a esses perniciosos insectos uma guerra sem quartel — garantimos que não é piada ao ex-quartel que propomos seja tran-formado em Sana-tório de Arqueólogos, — de aqui prometemos abrir luta contra os micróbios de Guimarães, esses micróbios que a anemiam, fazendo da cidade que deveria ser toda sangue e vida, um quasi cadáver.

Quem entra em Guimarães, é como se entrasse numa câmara mortuária: cheiro a podridão, bafo a cêra.

Em redor do cadáver, caras hipócritas de compungidos, os herdeiros.

A Subscrição Nacional para a compra do Palácio da Independência

Por toda a parte tem sido bem acolhida. Dizem-no os jornais. Formam-se comissões, acodem as Câmaras com subsídios, em resumo: todos compreenderam o seu dever de gratidão para com aqueles que em 1640 lançaram o grito da Independência Nacional.

Todos, não. Dizem-nos que certa entidade negou um subsídio para tão patriótica realização.

Todavia, dizem nos, a mesma entidade e na mesma ocasião, votou subsídio chorudo para uma gazeta de Lisboa. Que patriotismo e que nacionalismo!

Autêntico

Há dias, passava por uma barbearia certo cavalleiro de mui nossa consideração e que não sendo de Guimarães pareceu-lhe mais que qualquer (Guimarães, quando de dentro do estabelecimento qualquer Guimarães que é de Guimarães, tocou com a corneta que Deus lhe deu, a boca:

Trá-la ra-la lá.

Calada a corneta, virou-se escarunho para o nosso amigo e disse:

"Então, também queres tropa?"

Pois não tens tropa, E' que aquele nosso amigo também era defensor da existência duma Unidade Militar em Guimarães.

E o corneteiro foi um dos côveiros dessa Unidade por mais que diga que não.

tude crédora do nosso reconhecimento, intimou e deu conhecimento a quem de direito da necessidade de concluir a obra no prazo de 30 dias, sob pena de fazer caducar o direito de pôr as instalações em serviço e obrigar o Município a levantar nova planta, novo requerimento e fazer publicar novos editais.

Felicitemos S. Ex.ª pela sua desassombrosa atitude e rejubilamos com a satisfação do dever cumprido.

Monumento aos Mortos da Grande Guerra

Chegou ao nosso conhecimento que, feito um convite à Comissão de Estética para se pronunciar sobre o Monumento aos Mortos da Grande Guerra, esta se viu em palpos de aranha sem saber que qualidade de monumento é esse, visto que nem um esboço sequer lhe foi apresentado.

Mas o que é a Comissão de Estética?

Brinca-se assim às reuniões, faltando a maioria, e vem dizer-se a público que o monumento foi aprovado em princípio, quando ela, essa alta luminar do bom gosto e do bom tom, nem tomou o sabor do projectado monumento?!

Ao rifão que diz "... grossa fatia ao afilhado", pode toda a gente dar crédito pois que se adaptará perfeitamente ao caso em questão.

Escadório Monumental

Valha-nos S. Cipriano que é advogado de todas as maleitas! Agora, sim. Agora é que vai

ficar uma obra de truz! Aque-la nova rua que se abriu em frente da casa do saudoso dr. Moura Machado, a continuação da rua Nun'Alvares, que seria de bom passar, já não continua. Paroul Morreu ao nascer!

Para tapar a mazela, pensa deliberar-se que, no antigo Convento das Doroteias, se remate aquele buraco com uma escadaria monumental, com jardim, repuxos, etc.

Valha-nos S. Cipriano, que não cura o mal de gastar o dinheiro inutilmente!

GAZETILHA

Avizinha-se o Natal... Vamos lá... ninguém se mecha... Pinhos a todos iguai, Porque assim ninguém se queixa... Vamos jogar, afinal, O rapa, põe, tira e deixa.

Joga tu... saiu-te rapa... Guimarães 'stás perdido, Nada que possuis escapa, Estás sem pele e despido, Vão-te até rapar do mapa E o canhão vai ser fundido.

E agora... saiu põe... — O Teixeira de Aguiar O teatro se dispõe Pôr breve a funcionar, Bom-bairrista, não supói Quanto o hão-de embarçar.

Joga outro... é o tira... — Também já compreendi eu... Pois agora está em mira Tirarem-nos o Liceu... Digamos, se isto não vira, Que Guimarães que morreu.

Jogo eu... saiu-me deixa... Eu bem tenho de deixar (Pois apanho alguma ameixa) De pedir para nos dar, Sempre numa eterna queixa, O que nos 'stão a rapar.

Na Corredoura a jogar O Claro tem piada: — Gosta muito de rapar; Põe entraves à estrada; Tira para ajardinar, E não deixa fazer nada...

CLAROS.

O caso de Moreira de Cónegos

Pode estranhar-se, e por certo alguns o fizeram já, o modo reflectido e sóbrio como havemos tratado o incidente ocorrido ultimamente naquela freguesia. Na verdade, há pequeninas nadas, meros acontecimentos vulgares, dignos de poucas linhas de noticiário jornalístico, que, por aguçarem a curiosidade bisbilhoteira, são apreciáveis gulseimas. Esse era um deles. Entendemos que bastaria registá-lo, seguindo a inflexível norma de correcção e apurmo que nos destinamos a trilhar. O dever jornalístico, em semelhantes conjunturas, não vai mais longe do que dizer ao público o que se passa. Entrar em comentários é lavar sentença antes do julgamento e substituir uma opinião formada, influenciando assim previamente a opinião, a uma opinião que deve formar-se quando estiverem reunidas todas as pessoas. Esta consciência do dever, que se chama imparcialidade, increpam-na alguns de parcialidade. Um contrasenso. E, depois, aqui muito à puridade, há um caso de Moreira de Cónegos que mereça o esmiuçar inoportuno, precipitado, dos jornais? Creemos bem que não — e nesta crença faremos justiça e reparação às partes interessadas. Se elas estão em litígio, se há divergências na apreciação das partes, ainda em apuro, não é por certo a nós que compete decidi-lo. Uma coisa é o que se diz, outra o que se testemunha. Ora um jornal nem deve ser mesa de café, nem pode ser escrivania de juízo.

CONTINUANDO A TRADIÇÃO

Há creaturas para quem a tradição representa, não o respeito pelo esforço dos antepassados, que honradamente devemos continuar, mas uma espécie de bandeira à qual se apegam e a cuja sombra querem ver recordar... coisas do passado.

Nessa ordem de ideias, já a tradição tem sentido definido e não aquele respeito e religioso acatamento, que todos devemos ter, e para isso vão desencantando coisas do Passado, naturalmente... para servirem no futuro, mais ou menos próximo, na opinião deles.

Ora já que Guimarães tem uma larga e honrosa Tradição, também a tem um tanto ou

O Natal dos nossos Pobres

Está à porta o Natal e os pobrezinhos vão-se abeirando de nós, todos os dias, pedindo os não esqueçamos no Grande Dia consagrado à Família. E são tantos, tantos, que o «Notícias de Guimarães», a exemplo dos anos anteriores, abre hoje a sua subscrição, fazendo, ao mesmo tempo, mais um apelo a todos os seus leitores e amigos, certo de que eles virão, mais uma vez, trazer as esmolas que hão-de, na grande e evocadora Festa da Família, transformar-se em pão sobre muitas mesas.

Migalhas é pão! — já aqui o dissemos — e os nossos leitores vão, sem dúvida, dar uma esmola, mesmo que pequena, para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste, para enxugar muita lágrima.

Está aberta a subscrição.

Table with 2 columns: Name and Amount. «Notícias de Guimarães» 50\$00, Anónimo 5\$00, A. L. R. 5\$00

RIBEIRO, FILHO

(ALFAITE)

Convida os seus Ex. mos Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que recebeu para a presente estação de inverno, que tem em exposição na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

quanto irónica e ridícula, e é mais neste sentido que a procurar completar.

Todos sabemos que de Guimarães se diz, já nestes avançados tempos, com benevolenta ironia, que tem: uma ponte sem rio, um palácio sem rei e uma Sé sem Bispo.

Já agora para completar a Tradição... trabalhou-se e, conseguiu-se — um quartel sem regimento...

RESINAGEM DE PINHEIROS

Aviso aos Srs. proprietários do Concelho de Guimarães

A Companhia Industrial Resineira, com sede no Pôrto, proprietária de importantes fábricas do Norte e Sul do País, pretende alugar, desde já, pinhais para a extração de resina (gema) pelo método francês, para o que dispõe de pessoal competente, nas freguesias do concelho de Guimarães. Aceita pessoas de probidade e activas para trabalhar à comissão nas respectivas áreas.

O Encarregado Regional — António Teixeira da Mota Júnior, Fafe.

Evangelista da Silya Oliveira Enfermeiro Diplomado

Faz por preços módicos, e quasi grátis aos pobres, todos os tratamentos de enfermagem (curativos e injecções), tanto no seu Consultório na rua de S. Dâmaso, 41, 1.º andar, como em casa dos clientes.

Serviço das 13 às 18 horas.

VIDA SINDICAL

Sindicato Nacional dos Empregados no Comércio do Distrito de Braga

Devendo os cartões profissionais, a que se refere o artigo 12.º do Decreto-lei n.º 25.733 de 12 de Agosto de 1935, ser distribuídos pelos respectivos Sindicatos, mediante informação profiss onal precedente, fornecida pelos mesmos, informam-se todos os empregados de balcão de padaria deste distrito, que o Sindicato Nacional dos Empregados no Comércio do Distrito de Braga, ou as suas Secções nos concelhos de Guimarães, Barcelos, Famalicão e Fafe, passam, a partir de hoje, as declarações que devem acompanhar para a Inspeção das Indústrias e Comércio Agrícolas os requerimentos dos referidos cartões profissionais.

Club dos 100 à hora

Entrada e saída dos automobilistas nas fronteiras

A direcção do «Club dos 100 à hora» comunica aos automobilistas portugueses que, por decreto n.º 26.080, de 22 do corrente, já publicado no «Diário do Governo», foi facultada aos automobilistas a saída temporária pelas fronteiras por prazos que vão de 30 a 180 dias sem os incómodos exigidos até agora.

O «Club dos 100 à hora», reconhecendo neste decreto uma impor-

taute regalia para os automobilistas, acompanhou sempre de perto todas as «démarches» feitas para que elle fosse conseguida, tendo mesmo, em 23 do passado mês de Outubro, dirigido um officio a Sua Excelência o Sr. Presidente do Ministério a solicitar a publicação do referido diploma.

O «Club dos 100 à hora», apresentando as suas felicitações ao Governo pela medida que acaba de adoptar, felicita ao mesmo tempo os automobilistas por esta importante regalia.

Este Club fica instalado, provisoriamente, na P. Luis de Camões, 22 - 2.º Dto., enquanto durarem as obras das suas instalações definitivas. Os automobilistas, sócios ou não, que desejem alguma informação sobre este recente decreto, podem pedi-la à Secretaria do Club.

As nossas cartas...

Na magnífica produção do nosso illustre colaborador sr. Delfim de Guimarães, que, com o título acima publicamos no último número, saíram versos errados, o que bastante nos contrariou.

Vamos, pois, rectificar:

Onde se leu:

«Mas que força nasceu, extranha, Que obrigou teu orgulho a devolver-me,

Devia ler-se:

«Mas que força nasceu, extranha, em ti, Que obrigou teu orgulho a devolver-me

Assim é que está certo.

Que o nosso querido colaborador e amigo nos desculpe.

Caixa Escolar da Escola Industrial e Commercial de «Francisco de Holanda»

Eleição dos corpos gerentes para o ano lectivo de 1935-36 JUSTA HOMENAGEM

Sob a presidência do professor, sr. dr. João de Oliveira Bastos, reuniu na pretérita quarta-feira a Direcção da Caixa Escolar, para de harmonia com o disposto no regulamento, dar posse aos novos corpos gerentes, ficando assim constituída a Direcção:

Presidente, Alvaro Augusto Gonçalves; Vice-presidente, José Teixeira; Secretário, Manuel da Silva Antunes; Vogais, José Ribeiro Machado e Carlos Sampaio da Cunha.

Conselho Fiscal: — Presidente, dr. João de Oliveira Bastos; Vogais, José Ferreira Martins e José Lino.

Desde há muito que estava concebida uma homenagem a António Martins Júnior; mas era indispensável esperar o momento de dar a devida realidade a essa ideia.

A ocasião chegou, mas não sem muito custo, e sem os maiores esforços. Foi pois, com justificada alegria que a Direcção cessante, prestou o mais sincero preito a António Martins Júnior.

Aqueles que seguem com interesse o desenvolvimento da Caixa Escolar, conhecem bem aquele nome, que se encontra aliado a serviços tão altos e de tanta importância para esta Caixa, que deles ainda falam com grande louvor e escolhidos termos, os seus ex-professores e condiscipulos E' de louvar a atitude da Direcção cessante, pois quem tanto se sacrificou para socorrer os alunos pobres, muito merece

da estima e gratidão que lhe manifestaram.

Após a posse dos novos membros, usou da palavra o Presidente da Direcção cessante, que em breves palavras enalteceu a obra de António Martins Júnior dentro desta Escola, dizendo ser um dever a cumprir, àquele que tanto trabalhou para o prestigio da Caixa, descerrar o seu retrato na sala da Direcção. Em seguida terminou propondo que se enviase um officio ao homenageado dando-lhe conhecimento da homenagem que lhe foi prestada. Uma salva de palmas recebeu esta proposta com entusiasmo. A seguir o sr. dr. João de Oliveira Bastos, dignissimo professor desta Escola, que num vibrante improviso exaltou as bellissimas qualidades de António Martins Júnior, dizendo sentir uma viva alegria em ver saldar duma maneira condigna a vida de quem abnegadamente dispendeu a sua acção e esforço para levantar a Caixa Escolar. Assim por entre os aplausos dos assistentes se encerrou a sessão que constituiu um dos maiores acontecimentos neste estabelecimento de ensino.

Curiosidades Mundanas

Processos de executar condenados

Na provincia chinesa de Chekiang começou a usar se um novo sistema para a execução dos condenados à morte. Em vez de decapitá-los, são primitivamente cloroformizados e fuzilados dep. is.

O comprimento das unhas das mãos

Diz um jornal francês: Um homem de 70 anos tem unhas das mãos nada menos de 186 vezes. Considerando que cada unha tem uns 12 milímetros, a soma das que cresceram em cada dedo dariam um comprimento total de 2 metros, 23 centímetros e 2 milímetros.

Um canhão de grande alcance

Nos Estados Unidos realizou-se uma demonstração de progressos feitos pela moderna ciência militar norte americana. Foi apresentada uma das potentes peças de artilharia construídas nos Estados Unidos, a qual com uma carga de 318 quilos lançou um projectil à distancia de 48 quilómetros.

O uso da pseudónimo e a madureza dum ministro

O ministro alemão da Propaganda, dr. Goebbels, proibiu, de accordo com a Policia do Estado, o uso de pseudónimos a todos os autores, actores e escriptores.

O estudo do Cancro

O professor Hartmann, da Faculdade de medicina de Paris, apresentou à Academia, algumas observações sobre o cancro. Segundo a sua opinião a terrível doença não é uma irritação crónica, como se julga geralmente, mas sim um «virus», que provoca o desenvolvimento exagerado das células em que penetra e, consequentemente, o cancro.

Uma invenção útil

Effectuaram-se recentemente em Milão, na presença de uma numerosa assistência de técnicos, experiências de um telefone gráfico, invenção dos engenheiros Zoller e Villiger. Graças a este aparelho, quando a pessoa com quem se deseja falar não responder à chamada, pôde-se ditar a comunicação que se lhe queria fazer e que fica registada no telefone do assinante.

A Aviação Civil na América

O avião civil, na america, vai-se construindo em série e pelo preço de qualquer automóvel de 6 cilindros. A vantagem de poderem dobrar as asas e de poderem aterrar ou levantar obo em qualquer campo com 100 metros de comprimento, faz com que alguns agricultores já o utilizem correntemente.

As últimas estatísticas acusavam a existência de 15.000 aviões civis e 20.000 pilotos. Um bom avião custa ali uns 50 contos na nossa moeda.

Dentro de pouco tempo veremos ali, por cima dos grandes mercados, plataformas de aterragem onde os aviões descarregarão batatas, couves, cebolas, etc.

NOVIDADE CIENTÍFICA

Somos informados de que está para ser publicado, talvez em Guimarães, um sintético opusculo, no qual o autor, quasi nosso conterrâneo, pretende provar que, em vez do valor actualmente adoptado de Pi (relação da circunferência para o diâmetro), o verdadeiro valor, com differença infima, é de 3,133974, o que significa que a área e perimetro de um círculo de raio 50 são aproximada e respectivamente de 7.835 e 313,4. Aguardamos a publicação.

CASA NAS TAIPAS

ALUGA-SE uma na freguesia de S. Clemente de Sande. Tem luz eléctrica, água, ligação telefónica e quintal. Falar no lugar do Tapado, da mesma freguesia.

Dos Livros. Dos Jornais.

Almanaque Anuário de Penafiel — 1936. — Com uma amável oferta do seu editor, o nosso amigo sr. José Afonso, temos presente o Almanaque Anuário de Penafiel para 1936, 1.º ano.

Com um louvável intuito bairrista, quis o sr. José Afonso, como prova pelas suas palavras de apresentação, dar a conhecer os mais importantes assuntos que se ligam à vida da velha cidade de Penafiel, curiosamente subordinados à arqueologia, à história, à arte, à bibliografia, à biografia, etc., etc.

O Almanaque Anuário de Penafiel é bem uma coletânea de assuntos interessantes, firmados por autores illustres, inserindo também úteis ensinamentos agrícolas, informações officiais e locais, além dum grande reclamatione do vasto comércio da cidade e do concelho de Penafiel.

Com os nossos agradecimentos, desejamos ao seu arrojado editor as melhores felicidades.

Revista de Guimarães — Volume XLV — N.º 1-2 — Janeiro — Junho — 1935. Edição da Soc. Martins Sarmento — Tip. Minerva Vimaranesense.

Como sempre, esta interessante Revista contém variada e útil leitura para quem deseje andar a par dos mais importantes assuntos do passado histórico de Guimarães.

Publica o seguinte sumário:

- Cartas de Martins Sarmento ao Padre Martins Capela. Um tipo minhoto popular, por Adriano Rodrigues. Velharias Vimaranesenses, por João Lopes de Faria. Descendência esclarecida de um Minhoto illustre na Bala, por J. da Silva Campos. Curiosidades de Guimarães por Iberto V. Braga. Conferências — Boletim.

O MEU AFASTAMENTO DA MAGISTRATURA

Por deliberação recente, soberana e não fundamentada, do Conselho Superior Judiciário, fui o único candidato excluído do próximo concurso para Juizes de Direito, tendo também de ser afastado do cargo de Magistrado do Ministério Público. Oportunamente procurarei explicar os presumíveis motivos de tão excepcional e grave decisão; — mas desejo desde já afirmar publicamente que o próprio Conselho, em vários documentos me chama «honesto», «absolutamente íntegro», «inteligente», «ilustrado», etc.

Braga, Novembro de 1935.

Jerónimo Martins da Rocha.

DESPEDIDA

Ernesto Jaime da Silva, na impossibilidade de apresentar os seus cumprimentos de despedida a todas as pessoas das suas relações e amizade, ao transferir a sua casa para S. Mamede — R. Henrique Bravo, 43 — serve-se dêste meio para o fazer e oiêrecer a sua casa.

Declaração

A União Resineira Portuguesa, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, com Sede em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 30 - 2.º, vem para os devidos efeitos declarar que desde 15 do corrente deixou de prestar serviços, a seu pedido, nesta Sociedade e sua Delegação no Pôrto na Rua de Sá da Bandeira, 15 - 2.º, o Sr. Manuel Teles Soares, não se responsabilizando a mesma Sociedade, como é de uso, por qualquer acto praticado por aquele Sr. após a data acima referida.

Da Cidade

Julião Carneiro da Silva — Pelo falecimento de um seu irmão, ocorrido em Lisboa, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e digno Chefe dos Correios, Telégrafo e Telefones, desta cidade, sr. Julião Carneiro da Silva, a quem o «Notícias de Guimarães» apresenta os seus cumprimentos de condolências.

Dr. Bravo de Faria — Mudou o seu cartório do Largo da Oliveira para a Rua de Santo António, o nosso prezado amigo e distinto advogado-notário sr. dr. Manuel Bravo de Faria.

Dr. Moura Machado — Encontra-se em Lisboa, onde é professor do Liceu Normal de Pedro Nunes, o nosso querido conterrâneo e bom amigo sr. dr. José Maria de Moura Machado.

Notícias Religiosas — Começaram, na quinta-feira, na capelinha de N. S. da Conceição de fora, as novenas em honra da Padroeira, que precedem a festividade anual, a realizar no próximo domingo.

— A Mesa da Irmandade de Santa Luzia erecta na igreja de S. Dâmaso resolveu iniciar, no próximo dia 4, às 15,30 horas as novenas em honra da Milagrosa Santa Luzia que se venera na mesma igreja e cuja festi-

vidade se realiza no próximo dia 13. E' juíza da festa a sr.ª D. Luísa de Araújo Gomes Fernandes Guimarães.

**Officinas de S. José** — No próximo domingo, dia 8, realiza-se nas Oficinas de S. José, desta cidade, o Sarau de Arte e Caridade a que já nos temos referido e que promete atingir grande brilhantismo.

Nelle tomam parte pessoas de elevada posição social não só desta cidade mas também do Porto e Braga.

O programa dessa simpática festa é o seguinte:

Discurso de abertura. Conferência pelo Ex.º Sr. Dr. Luís Almeida Braga. Recitativos.

**Parte Musical** — Executada pelo um terceto da regência do distinto violinista ACÁCIO FARIA.

Egmont, ouverture, Beethoven; Il Bacio Al Buo, Micheli; Thais, selecção, Massenet; Rapsódia Slava, Volpatti; Berceuse de Jocelyna solo de violoncello, Godard; Canzonetta, solo de violino, Ambrósio; Marcha Militar, Schubert.

**«Anedota»** — episódio dramático de Marcelino Mesquita.

**Personagens** — O Director dum Teatro, Jerónimo Sampaio; Um Rapaz, Rodrigo S. Félix; Um Criado, Casimiro Fernandes.

**Associação Commercial e Industrial de Guimarães** — A Direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães torna público que, por ordem do Ex.º Sr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, do Distrito de Braga, os estabelecimentos de Fazendas de Lã, Algodão, Camisaria, Gravataria, Chapelaria, Guarda-solaria, Calçado, Ourivesaria e Relojaria (Mercadores), foram autorizados a estar abertos no próximo dia 8 de Dezembro, Domingo, dia de Nossa Senhora da Conceição, conservando-se encerrados na terça-feira seguinte, dia 10 de Dezembro, para efeito do descanso semanal dos empregados. Mais torna público que esta autorização apenas fica limitada aos estabelecimentos existentes na Cidade.

**Julgamento** — Em Tribunal colectivo constituído pelos meritisimos juizes de Guimarães, Santo Tirso e Felgueiras, realizou-se na terça-feira o julgamento de Maria da Conceição, solteira, serviçal, de 19 anos de idade, acusada de ter degolado um seu filho, após o tê-lo dado a luz, facto ocorrido em Junho último na Pensão Commercial, desta cidade, como, então, o «Noticias de Guimarães» noticiou.

Ao Tribunal correu um elevado número de pessoas que assistiram ao desenrolar da audiência.

Depois de ouvidas as testemunhas de acusação e defesa foram pronunciados os debates. Falou em primeiro lugar o Ministério Público que fez breves considerações à volta do crime, depois de apresentar cumprimentos ao Tribunal, e pediu a ré fôsse dada a pena maior.

Seguidamente foi dada a palavra ao advogado de defesa, sr. Dr. Artur Couto que começou por saudar o Tribunal, procurando, depois, atenuar o crime da sua constituinte. Referiu-se ao resultado da autópsia à volta do qual fez considerações dignas de serem ponderadas e mostrou ao Tribunal que a sua constituinte não podiam atribuir-se as pesadas responsabilidades que a levariam a sofrer a pena máxima. Pediu, por isso, que justiça fôsse feita.

Após os debates os juizes recolheram e, algum tempo depois, o sr. juiz presidente voltou à sala para ler a sentença que condenou a ré em 4 anos de prisão maior celular, ou na alternativa de 6 anos de prisão maior temporária, em possessão de 1.º classe, 1.000.000 de imposto de justiça e acréscimos legais e 300.000 para o defensor officioso.

Quando foi lida a sentença deu-se uma cena de lágrimas entre a condenada e sua mãe que assistiu ao julgamento, o que impressionou o público.

**Leão Martins** — De visita a sua família esteve entre nós na semana finda o nosso querido amigo e illustre colaborador, sr. Leão Martins.

**Orfeão de Guimarães** — No edificio da Misericórdia, onde estiveram instaladas as repartições de Finanças, prosseguem, diariamente e sob a hábil direcção do distinto musicógrafo sr. Filinto Nina, os ensaios do Orfeão de Guimarães, recentemente reorganizado.

O professor, sr. Nina é coadjuvado nos ensaios pelo hábil violinista sr. António Guise.

**Manifesto de cereais** — Efectua-se no corrente ano, desde 1 a 31 de Dezembro, o manifesto da produção de aveia, noz, amêndoa cõca, molar e dura, figo não para consumo e de caldeira, castanha, alfarrôba, milho sequeiro, arroz, feijão, batata, vinho, etc., sendo autoa do todo o produtor que não dê ao manifesto estes cereais, como determina o Regulamento de Estatística.

**Festas Nicollinas** — Inicia-se, na sexta-feira, as antiquíssimas Festas Nicollinas, com a entrada do «Pinheiro» — o mastro anunciador dos folguedos académicos.

Pelas ruas muita gente assistiu, já tarde da noite, ao desfile do cortejo, em que se incorporaram os costumados «Zés-P'reiras», dois carros alegóricos, um dos quais

conduzia a figura de Minerva e o outro representava o já conhecido Castelo dos Almadas, com almas penadas e tudo, algumas juntas de bois que precediam o carro do Pinheiro e uma banda de música executando o Hino de S. Nicolau.

No Toural um grupo de «estudantes velhos» que se encontravam no Hotel do Toural promoveram uma carinhosa manifestação à passagem do cortejo, lançando flores, agitando lenços brancos, etc.

Jerónimo Sampaio, um «estudante velho», possuidor duma alma sempre nova, o maior entusiasta da velha festa nicollina, fez ecoar a sua voz em toda a Praça, saudando em nome dos «velhos» os estudantes de hoje na sua festa que é tradicional e que jamais morrerá.

As suas palavras, palavras sentidas dum dedicado animador, foram escutadas em silêncio e coroadas por uma salva de palmas.

Nos dias 4, 5 e 6 realizar-se-ão, como de costume, os seguintes números: Posses, Magusto e Roubalheiras, Bando Escolástico e Entrega das Maças.

**Aos caçadores** — Volta a lembrar-se aos srs. caçadores que examinem a data em que finda o bilhete de identidade, para assim não soffrem o desgosto de lhe ser negada a licença de uso e porte de armas e de caça por já ter caducado o referido bilhete. A sua reforma deve ser desde já pedida.

**Interesses das Taipas** — Por proposta da Câmara com concordância do Delegado em Braga do I. N. de T. e P. foram os marchantes das Caldas das Taipas autorizados a terem os seus talhos abertos nos dias de mercado (segundas-feiras), das 8 às 16 horas.

**Desaparecida** — Da sua Casa da Boavista, lugar de Carvalhos, freguesia de Polvoreira, d'este concelho, desapareceu Adelina de Araújo, de 50 anos de idade, cujo paradeiro se desconhece. Sua família pede a quem conhecer o paradeiro da desaparecida, lh'o comunique imediatamente.

**Oleos «Atlântico»** — Alguns empregados superiores da afamada companhia «Atlântico» procederam há dia, no Quartel dos B. V. desta cidade, na presença de muitos automobilistas, a uma demorada experiência dos conhecidos oleos «Atlântico», o que deixou em todas as pessoas a melhor das impressões acerca da boa qualidade daqueles productos.

**Casa Ferro** — Como noutra lugar noticiamos a Casa Ferro desta cidade, arrematou em hasta pública e pela quantia de 37.000.000 toda a obra de serralheria do novo Mercado.

**Sufragando** — Foi largamente concorrida a missa celebrada há dias na capela privativa da «Casa dos Pobres» em sufrágio da alma da Superiora Geral das Irmãs Hospitalarias Portuguezas.

**Proclamação** — Do templo de N. S. da Oliveira foi ontem, a tarde, com juziza processionalmente, para o templo da V. O. T. do Carmo, por motivo das obras que vão realizar-se naquela igreja, a Imagem de N. S. da Oliveira, Padroeira da cidade. No religioso préstito incorporaram-se a Irmandade e grande número de fiéis.

**Comemoração do 1.º de Dezembro** — Por iniciativa da C. A. realizou-se ontem, como fôra anunciado, a comemoração da data histórica do 1.º de Dezembro, tendo-se realizado um cortejo em que tomaram parte centenas de crianças das escolas, a visita oficial à Casa dos Pobres, a que noutra lugar fazemos referência, a exposição da maquette para o Monumento aos Mortos da G. G., a que oportunamente nos referiremos e a conferência, na Soc. Martins Sarmento, do sr. dr. Leonardo Coimbra.

O salão nobre daquela Sociedade comportava uma assistência muito numerosa e selecta. Presidiu à sessão o Sr. Presidente da Câmara, secretariado pelos srs. Administrador do Concelho e Presidente da S. M. Sarmento.

O sr. dr. Leonardo Coimbra prendeu a atenção da assistência durante vinte e cinco minutos, pronunciando uma brilhante oração sobre a Pátria e foi, ao terminar, muito aclamado.

**Entrada de Freitas** — Sobre a notícia dada pelo nosso sófrito correspondente de S. Torcato, em sua carta publicada no nosso número 198, fomos informados de que a demarcação desta nova estrada, feita pelos dignos funcionários da Repartição de Obras do Município, é aquela que tem maior número de adeptos.

Como se vê, trata-se de mais um caso a respeito do qual divergem as opiniões.

**Casa dos Pobres**

A mais importante instituição benéfica desta cidade, — «Casa dos Pobres», — esteve ontem em festa.

Efectuava-se ali a visita oficial da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, a qual se representou pelos vereadores, srs. Alberto Costa, António José Pereira de Lima e A. L. de Carvalho.

Por isso a concorrência àquella festa foi enorme, visto a entrada ter sido franqueada ao público, tendo sido melhorada a refeição aos pobres, por ser dia de grande gala.

Via-se em todos os olhares dos

assistentes um ávido desejo de conhecer uma tão importante obra, que tem elevado altamente o nome de Guimarães.

Nós, como eles, sentimos também o desejo de colher impressões acerca de tão grandiosa casa, que tantos benefícios tem trazido para os pobres.

E assim, e por um amável convite que recebemos da direcção da «Casa dos Pobres», fomos ali verificar qual a impressão que colheríamos a esse respeito.

Acompanhados pelo nosso prezadíssimo amigo e incansável dirigente daquela casa, sr. João Teixeira de Aguiar, percorremos os diversos compartimentos da casa.

Desde o mais pequeno compartimento ao maior salão, nós admiramos a verdadeira limpeza, hygiene e acoço, de que são dotados.

Aqui a Cozinha Económica, que fornece por um preço verdadeiramente barato, ou quasi de graça, alimentação diária a mais de 200 pessoas.

Ali os compartimentos destinados aos homens, ou sejam: — vários dormitórios, dispensas, salas de jantar, quartos de banho, etc., etc., tudo com todos os requisitos necessários a uma casa, senão luxuosa, pelo menos boa.

Acolá encontramos a secção feminina.

As mesmas dependências. A mesma ordem e a mesma hygiene e acoço.

No rez do chão vimos os compartimentos destinados a desinfectão e despilhoamento dos mendigos, que entram naquella casa.

A entrada admiramos a secção de barbearia, com todos os serviços de primeira ordem, compartimento destinado à secretaria para efeitos de expediente desta casa, e várias secções importantes e indispensáveis a uma casa de tanto valor, como aquella, que não podemos descrever, assim, apressadamente.

Satisfeita a nossa curiosidade e verdadeiramente abismados de tão importante melhoramento que Guimarães possui, retiramos, despedindo nos de quem está a dirigir aquella casa com o firme propósito de fazer bem a humanidade, sem interesse de qualquer fim.

Merece, pois, louvores a direcção da Casa dos Pobres, e muito especialmente o nosso bom amigo e grande bairrista sr. João Teixeira de Aguiar, pela forma cativante como nos recebeu e por nos dar os esclarecimentos necessários a uma indispensável visita.

A êle, muito principalmente, se deve a criação e sustentação da Casa dos Pobres.

Eis o que se nos oferece dizer sobre uma curta visita que fizemos à Casa dos Pobres.

**Os dislates de C. G.**

Quem lê o «Correio do Minho», encontrará na página semanal de Educação Física e Desporto, sub-intitulada «Doutrina e informação desportiva», uns «curiosos», artigos firmados pelas iniciais C. G. encabeçados pelo titulo também «curioso», de «A Propósito».

Ora, na última página semanal de 26 11-935, a respeito do encontro Vitória-Sporting traz matéria invulgar que não podemos deixar de a ela nos referir nos. Mostra-se C. G. zangado com os relatos de Eloy Silva, Balbino e Xico Raio, e a argumentação é de tal ordem, que até consegue alterar fundamentalmente as leis internacionais de foot ball association!

Não sabem's o que os vizados responderão, mas nós, não devemos deixar passar em claro, quando o fim a visar neste «A propósito», é pretender apresentar como exemplar acção dum juiz de campo, somente merecedora da nossa repulsa e condeação.

Quando entre duas cidades, fundas rivalidades as separam, e a disputa dum campeonato de foot-ball as põe frente a frente, o árbitro do encontro deve possuir e reunir em si todos os predicados dum juiz sábio, honesto e competente. Um erro sen, uma falha sua, é a mecha que fará explodir em protestos a multidão apinhada em volta do retângulo, e levar a consequências que ninguém pode prever com acerto.

O desafio Vitória Sporting foi mal dirigido. O árbitro não estava a altura do encontro e o grupo de Guimarães, sofreu com a sua incompetência e com os seus erros, uma derrota inesperada e numerosa. E' geralmente reconhecido que, quando se encontram em campo dois grupos de valor, cuja rivalidade os tem acicatado ao rubro, a vitória sorri sempre ao primeiro que abrir activo. O primeiro ponto influe grandemente no espirito da equipada batida, o sistema nervoso dos seus componentes até ai, inteuo e combatoivo perde repentinamente a energia, os músculos ficam laços e negam-se a responder à vontade de reagir.

Todos aqueles que pisaram os campos do desporto sentem essa estranha influencia.

Maior ainda é a impressão causada, quando o primeiro ponto contra, é resultado dum erro grave, por ignorância ou má fé do juiz do jogo.

A primeira bola das cinco dessa tarde foi ilegalmente adquirida e ella ditou, um resultado longe de ser merecido, porque a classe dum e dentro contendor não justifica o resultado de 5 a 0.

C. G. não o entende assim e pretende até apresentar o trabalho de Aurelino Lima, como superior e o seu julgamento, da jogada que originou o

# DESPORTO

## CALENÁRIO DOS JOGOS DO CAMPEONATO DISTRIAL

### I DE DEZEMBRO

Em Barcelos — Sporting de Braga vence o Gil Vicente por . . . . .	1 a 0
Em Fafe — Vitória empata com o Sporting de Fafe por . . . . .	1 a 1
Em Braga — Commercial vence o Foot-ball Club de Fafe por . . . . .	7 a 2

### CLASSIFICAÇÃO

	Pontos
Sporting de Braga . . . . .	25
Vitória Sport Club . . . . .	24
Sporting de Fafe . . . . .	19
Gil Vicente, de Barcelos . . . . .	17
Commercial de Braga . . . . .	12
Foot-ball Club de Fafe (1) . . . . .	10

(1) Por ter infringido o artigo 15.º do R. G. foi-lhe annullado um ponto.

## Campeonato Distrial

### EM FAFE

Vitória empata com o Sporting de Fafe por 1 a 1.

A' hora marcada para o desafio, a-pesar-do tempo indeciso, o Campo de S. Jorge registava uma regular concorrência. A's 15 menos 5 entra em campo o grupo vimaranense que apresenta a seguinte constituição: Adélio; Lima e Castro; Mário, Zeferrino e Gonçalves (cap); Bravo, Virgilio, Clemente, João Jesus e Faria.

A's 15 menos 3 entra em campo o grupo do Sporting, que saída a assistência. Minutos decorridos surge o sr. Vieira da Costa, do Colégio Portuense de Arbitros. Escolhido o terreno, coube a saída ao Vitória, que não domina a bola, revelando a indecisão dos primeiros momentos. Foul contra Fafe. Uma fuga dos vimaranenses e o árbitro reprime o jogo violento, marcando novo foul contra Fafe, junto da grande área, que nada resulta. Foul a Gonçalves, por carga desleal. Internamento dos fafenses no terreno do grupo de Guimarães e é assinalado um «canto» contra o Vitória. Marcado este, o árbitro verifica que José da Ribeira se encontra em off-side. Despachada a bola são seguidamente registados um foul e uma mão contra Fafe.

O jogo não perde em mobilidade, denotando-se contudo que a linha dianteira do Vitória joga sem conjunto e que Bravo raramente é servido, a-pesar-de desmarcado. Faria revela medo, não tendo oportunidade nas suas entradas e deixando bater a bola em proveito do adversário. Foul a Zeferrino por má entrada a um adversário. Foul a Fafe na linha da grande área, que Zeferrino, directamente, converte em goal.

Saída de Fafe, que imediatamente perde a bola, permitindo aos vimaranenses um ligeiro domínio. Foul a Jaime e Gonçalves. Uma avançada vimaranense que se perde por off-side de Faria. Foul a Virgilio por carga ao guarda-redes Fafense. Foul a Gonçalves. Nova avançada dos vimaranenses que o árbitro intercepta por off-side de Clemente. Fuga de José da Ribeira ao terreno do Vitória e foul a Jaime por uma entrada dura. O Vitória continua a apertar o adversário e observa-se uma grande confusão diante das redes de Fafe, que não é aproveitada.

Aliviado o campo, o árbitro assinala uma mão de Costa, de Fafe. Avançada vimaranense, que é interceptada por off-side de Faria. Foul marcado a Fafe. Foul marcado a Virgilio. Aperto às redes de Fafe, que nada resulta. Uma fuga pela ponta esquerda de Fafe, que Mário manda para canto, ao pretender aliviar. Mar-

co Raio, sobre os desmandos de que foram vítimas as pessoas que daqui se deslocaram, para presenciarem o desafio. Aos insultos, vaias, à lama, areia e algumas pedradas que foram arremessadas contra os vimaranenses, C. G. somente diz: — é mentira!

E' verdade Snr. C. G.; é verdade!... Infelizmente verdade!... Lastimavelmente verdadeiro!... Fomos daqueles que aplaudimos com calor as demarches realizadas antes do campeonato, para uma aproximação e amigável entendimento entre os meios desportivos de cá e de lá. Os desportistas vimaranenses, responderam à chamada, souberam cumprir dignamente; de lá foi o que se viu!

Desde há muito que não nos repugna acetar, a proibição do campeonato distrial. Os fundos abismos de inimizades que a sua disputa cava entre as terras do distrito, poderão ser mais profundos ainda e ocasionar males ainda maiores. Muito tem sido o mal que o foot-bal, os maus árbitros, os maus jornalistas e muitas vezes o seu... «A Propósito» tem feito à região.

ALMEIDA FERREIRA.

cado este, é despachado para os pés dum jogador de Fafe, que avançando, conta para o seu grupo um goal. Grande entusiasmo da assistência sportinguista. Saída do Vitória, e o árbitro assinala uma mão, contra Fafe. O Sporting joga com entusiasmo e nova mão contra Fafe é assinalada. O grupo vimaranense reage, tem uma fuga pelo lado de Faria que centra e vê o esférico interceptado pelo guarda-redes fafense. Aliviado o campo, há um novo foul contra Fafe. O Vitória aperta o adversário no seu terreno e Bravo consegue centrar, mas sem resultado. Há um remate às redes de Fafe, que o guarda-redes defende fracamente, originando a intervenção de João Jesus, que numa recarga manda o esférico a razar a trave. Fuga de José da Ribeira, que se perde pela linha de cabeceira. Arrancada de Clemente, que consegue ir até à grande área e proporciona ao guarda-redes de Fafe uma vistosa defesa. Centro de Faria que o guarda-redes defende. Foul a Laureta. Avançada de Fafe que se perde devido a off-side da sua ponta direita. Avançada dos vimaranenses que o árbitro intercepta por off-side de Faria. Mário ao pretender interceptar uma avançada de Fafe, manda a bola fora, junto do canto. Pressão dos vimaranenses sobre o adversário, que origina um remate de João Jesus, sem resultado.

### 2.ª parte

Saída de Fafe. Jogo de menor mobilidade. Mão contra Fafe que não é aproveitada. Centro de Bravo que Clemente desperdiça, mandando a bola por alto. O Vitória, parece querer assentar o seu jogo e há um foul contra Fafe.

Bom estranço do guarda-redes fafense, a um tiro de Clemente. Fafe encontra-se à defesa, só com 2 jogadores na linha dianteira. O Vitória interna-se no campo do adversário, mas sem resultado. Uma fuga de José da Ribeira e da ponta esquerda, que Mário alivia. «Canto» contra Fafe, que nada resulta. Dois «off-sides» assinalados a José da Ribeira e à meia ponta direita. Intercepção duma jogada de Fafe, por mão dum seu jogador. O Vitória continua a dominar mas sem que consiga elevar o scor do seu marcador. Mão contra Fafe que Zeferrino manda pela linha de cabeceira. Grande confusão na frente das redes de Fafe e Faria perde a oportunidade de marcar. Fuga de José da Ribeira que não resulta, devido à intervenção de Lima. «Mão» contra Fafe que Zeferrino perde ao razar o poste lateral. Fuga de Bravo que não domina a bola e a vê sair pela linha de cabeceira. «Foul» contra Fafe. «Canto» contra Fafe que permite uma grande aglomeração de jogadores em quem a bola esbarra, sem que a oportunidade de marcar surja de novo. Fuga da ponta esquerda de Fafe, que Lima intercepta. Jaime, e depois Gonçalves mandam a bola fora. «Foul» contra Fafe que nada resulta. «Foul» a Clemente, por carga desleal. Grande confusão no terreno dos sportinguistas e sobre a linha de cabeceira, o árbitro deita uma bola ao ar, que Faria perde e é aliviada por um jogador fafense. «Canto» contra Fafe que, marcado por Bravo, é aliado por uma defesa fafense. «Mão» contra Fafe, que o guarda-redes defende à vontade. Novo «canto» contra Fafe, que não é aproveitado. «Foul» contra Fafe, «mão» de Lima, «mão» a um jogador de Fafe, «foul» a Clemente, «foul» a Fafe e o árbitro apita para fim de jogo.

### Considerações

O Vitória de Guimarães, jogou abaixo das suas possibilidades, devendo salientar-se só Zeferrino, Lima, Gonçalves, Bravo e Jaime, na 2.ª parte. A linha avançada quebrou a homogeneidade e a linha de halfs ressentiu-se da morosidade de Mário. Adélio não teve defesas apertadas. O grupo fafense, tendo jogado com entusiasmo na primeira parte, durante a segunda parte pôs-se à defesa. Salientaremos o bom trabalho do guarda-redes, defesa esquerdo e a fogaosidade de José da Ribeira. A arbitragem foi imparcial e, se pecou, deve-se aos castigos que nos pareceram manados só pela intenção.

L. COELHO.

## Futebol no país

### Campeonato de Lisboa

Sporting vence o Carcavelinhos por 4 a 0. Benfica vence o Barreirense por 6 a 1. Belenenses vence o União por 3 a 0.

### Campeonato do Porto

Porto vence o Académico por 2 a 1. Salgueiros vence o Leixões por 1 a 0. Boavista vence o Leça por 2 a 1.

### VENDEM-SE 6 quintas todas juntas à beira da estrada.

Tem bastantes bouças com carvalhos, pinheiros e eucaliptos e diversas ramadas.

Pagam 27 carros de cereais. Trata o solicitador Augusto Silva.

# CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

todos feitos, desde 60\$00. Não façam as suas compras sem primeiro visitarem esta casa.

Acabam de chegar as maiores variedades em sobretudos e casimiras para a época de inverno. E' esta a casa que maior sortido tem.

Grandes saldos em casimiras. Sobre-

## Anotações

Sob a epigrafe acima, publicou o «Noticias de Guimarães», de 18 do corrente, uma carta do sr. José de Oliveira, correspondente, nas Taipas, do «Diário de Notícias» e do «Correio do Minho», protestando contra a nossa correspondência de 6 do mesmo, para o jornal em primeiro lugar citado, e dizendo que a mesma não correspondia à verdade, e isto apesar de citarmos factos, e, ainda, apelidando-nos de adjectivos, que só ao seu autor ficam bem, pelo que lhes devolvemos na integra.

Não temos por costume dar resposta a pessoas da sua lida e a cartas insultuosas; todavia, gostamos de pagar o que devemos, e eis o que, com esta, vimos fazer.

O nosso prezado colega, com todos os seus insultos — só próprios dêle, regateiros e vilões — não conseguiu destruir, pôsto que o pretendesse, as nossas afirmações da correspondência de 6, a que se refere; antes afastou-se o mais possível, pois, «contra factos não há argumentos».

Convidamos os nossos pacientes leitores a consultarem o «Noticias de Guimarães», de 11 do corrente, e a nossa aludida correspondência em questão, (pág. 4 — colunas 5.ª e 6.ª), e bem assim a carta do illustíssimo colega, datada de 13 do corrente, com as respectivas «anotações», e publicada no «Noticias de Guimarães» de 18 do mesmo, (na pág. 4 — colunas 2.ª e 3.ª), para avaliarem do contraste flagrante entre as duas locais, quer quanto às afirmações duma e doutra, quer quanto aos termos em que estão redigidas.

Na resposta que o nosso colega das Taipas dá à nossa correspondência de 6, vê-se bem que é bem educado, que é competente... que é diplomata, que é, finalmente, correspondente de cidade... das Taipas.

Depois dos nossos bondosos leitores terem lido os dois últimos números do «Noticias de Guimarães» supracitados, convidamo-los a ler o «Diário de Notícias», de 3 do corrente (pág. 11 — coluna 2.ª), no noticiário de Caldas das Taipas, com data de 27 do p. p.; idem o «Correio do Minho», de 3 do corrente (pág. 3 — colunas 5.ª e 6.ª), no noticiário de Caldas das Taipas, com data de 1 do corrente e não 31 do p. p. como por lapso dissemos, e o que não o ilibada demora, por nós citada. No envio da correspondência para os jornais, mas antes, pelo contrário, a agrava, como se deprende dos factos. De resto, nem na nossa correspondência de 6, nem em qualquer outra, para os jornais, dissemos que o illustre colega das Taipas não tivesse mandado para os jornais, de que é digno correspondente, noticias sobre a posse e visitas do sr. p.ª Silva Gonçalves, pois acreditamos, piamente, que o tenha feito, pôsto que nos tivéssemos passado despercebidas, como é natural. Mas, caro e illustre colega, se as tinha mandado, porque voltou a mandá-las semanas depois, dando, assim, ocasião à nossa correspondência de 6? E, ainda, se as tinha mandado, porque voltou a mandá-las, depois de ter saído nos jornais a noticia por nós dada, da ida, semanas depois, das Taipas à

Póvoa de Varzim, de uma numerosa excursão, composta de cerca de 200 pessoas que, acompanhadas da Banda de Música Taipense, ali foram visitar o sr. p.ª José António Afonso Vieira, seu ex-Pároco ou Vigário, e actual Prior da Póvoa de Varzim, mostrando-lhe, assim, quanto o amavam e veneravam, noticia esta que o illustre colega correspondente não deu?

Diga, caro amigo, porque é que esta excursão de cerca de 200 pessoas, que, em várias camionetes, se deslocou dali à Póvoa de Varzim, não lhe mereceu referência nos seus jornais, enquanto que outra, de cerca de 25 pessoas, que se deslocou dali às Taipas, numa camionete, em visita ao sr. p.ª Silva Gonçalves, lhe mereceu elogiosas e latas referências? Vá, diga, deixe-se de ser clinico, e seja imparcial, diga! Acaso seria por estas serem tódas grandes e ricas, e aquelas pequenas e pobres? Mas, quantas e quantas vezes, nos corações dos pobres e humildes, se albergam grandes e nobres sentimentos! Além disso, aquela excursão levou à Póvoa, não só representantes do povo (emboru humilde, mas quantas vezes sincero!), mas também das autoridades e dos intellectuais, — pois também levou professores, que ainda ganham o suficiente para não serem «pê-descalços»! Aquella referência, para si, pelo visto era sem importância, como o têm sido as referentes aos preços do mercado semanal das Taipas, e as do movimento mensal do Posto do R. Civil da mesma localidade, segundo diz, mas o que os jornais não dizem, pois não as teem despresado.

Quando ao prestarmos, nos jornais, homenagem a pessoas de familia, devemos dizer que é preferível isso, do que a prestarmos a nós próprio, como o illustre cavalheiro teo feito! A propósito, pedimos, mais uma vez, e pela última, aos nossos benévolo leitores, a fineza de lerem o «Diário de Notícias» de 2 do corrente (pág. 7 — colunas 3 e 4), no noticiário de Caldas das Taipas, tendo em atenção de que o preclaro correspondente dali é o presidente da respectiva Junta de Paróquia, e presidente ou qualquer coisa da Cantina Escolar também dali.

Agora, que diferença achará o prezado colega, entre Vigário e Pároco? Acaso não será a mesma coisa? Ainda não saberá o illustre, apesar de sacristão e erudito na materia, que em muitas terras tratam o Pároco por Vigário, e isto como título de distinção? Demais, ao enviarmos as noticias para os jornais, quer da provincia, quer da capital, procedemos sempre imparcialmente, com o fim único de bem os servir, não nos movendo já mais espirito algum de animadversão por A ou por B, e não como diz e faz o nosso illustre colega, que, não tendo outra defesa, insulta-nos, apelidando-nos com adjectivos só próprios do seu autor e a quem os devolvemos na integra, como acima dizemos.

Ainda o nosso colega das Taipas — Sr. José de Oliveira — é de tal força que, pedindo, com empenhos, os jornais, logo que outro colega desiste ou é forçado a desistir, sem a petulância de ir dizer aos amigos — que tem muitos... —: «Ainda

## O FUTURO NÃO ASSUSTA NINGUÉM

Inscrevendo-se sócio do Montepio «A REFORMA», com sede na Rua Alexandre Braga, 114 — PORTO,

ASSEGURA O SEU FUTURO E O DOS SEUS

Com uma insignificante cota, os associados ficam com direito:

Pensão de reforma até 450\$00, mensais — Pensão a herdeiros até 150\$00, mensais — Pensão de inabilidade até 360\$00, mensais — Subsídios únicos até 1.500\$00, e Subsídio para funeral de 1.000\$00 a 25 000\$00

Podem inscrever-se os individuos de ambos os sexos, desde 16 a 50 anos

Até 31 de Dezembro de 1934 foram pagos os seguintes encargos: Pensões de reforma, 863.735\$96; Pensões de inabilidade, 42.668\$40; Pensões a herdeiros, 151.263\$80, e subsídios únicos, 38.960\$00

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (Art. 21.º do Decreto-lei 19 281).

Indique-nos, num simples postal, a sua idade e a pensão ou legado que pretende, ou ainda quaisquer outros esclarecimentos, e, na volta do correio, prestar-lhe-emos tódas as indicações

AGENTE — Rafael Pereira Lopes.

mais esta maçada agora, pois já tenho tantos jornais! mas, como insistiram muito, sempre lhes fiz a vontade, accedi!»

Quando ao «ferrar»; as canelas dos outros, pedimos vénia, mas devemos dizer ao illustre... correspondente que nunca fomos nem pretendemos ser ferrador, pois, caso o fôssemos, teria os nossos serviços as ordens, já não para as canelas, mas para a planta das patas.

Da probidade do illustre colega das Taipas, ninguém ignora, pois os factos o atestam; e, «contra-factos...».

Por mais que se aconselhe aquele pobre de espirito, a servir-se unicamente da sua pena para dar as noticias para os jornais, não há meio de o convencer, pois, para mais brilhar... para atingir as culminâncias, serve-se, não só do insulto, mas da pena de terceiro o que não admira, e naquelle meio é bem notório, pois já é velho antigo e crónico.

Quando a cómica, por que êle nos apella: Quem mais cómico do que o «meio quiló», das Taipas? Quem mais cómico do que o «c. de Hamburgo»? Quem mais cómico do que o homem que, apesar de ser meio corpo, arca com inúmeras profissões ou emprégos como: presidente da Junta de Paróquia; qualquer coisa na União Nacional; presidente ou qualquer coisa da Cantina Escolar; sacristão; magarefe; jornalista...; lacaio de pensão; e, não sabemos que mais, mas sabemos que ainda aspira a mais cargos, e êstes mais elevados, como Presidente da Câmara, mas não da da cidade... das Taipas, onde êle é jornalista... ou ainda Administrador do Concelho — sonho doirado dêle, para agora, por-

que, mais tarde, irá com a sua pasta, até ao Parlamento ou Ministério!

Devemos dizer que aquele homem de albigeira, aquele homem mascote, apesar de tantas profissões, nunca recorre a terceiros para o desemprego das mesmas, a não ser para a de jornalista... de cidade... das Taipas.

Pobre de nós, que somos humilde correspondente de aldeia, da humilde aldeia de Britelros (S. Salvador), que, apesar da sua humildade, é considerada Monumento Nacional, devido à sua «Citânia» e, como tal, visitada anualmente por algumas dezenas de milhar de excursionistas, quer nacionais, quer estrangeiros! E, quanto aos fretes de tarões, devemos dizer que não fazemos fretes, quer a tarões, quer a terceiros... quer a macarrões!

Unicamente temos por norma desempenhar-nos com tóda a lialdade, pontualidade, verdade e imparcialidade, da missão que os jornais, de que somos humilde correspondente, nos confiaram.

O homem das aspirações — pôsto que pequeno em corpo, é grande naquelas — alcunha-nos de mentiroso, ao citarmos os factos. Sim, êle, chama-nos-lhe antes que lho chamemos, e, nisso, como nos adjectivos que nos attribue, segue o ditado que diz: «Chama-lo antes que t'o chamem».

Desculpe, caro senhor, a nossa absurdidade de correspondente de aldeia limitrofe da cidade... das Taipas, porque nunca frequentamos a universidade dessa grande cidade, como você!

Confessamo-nos, sem dúvida, impotente e fraco perante a sua ciência infusa... e a força e competên-

cia... da sua pena, a que daqui prestamos a devida homenagem. Porém, desde já o devemos desengañar de que as forças corporais ou musculares não devem fazer grande diferença, pelo que se podem medir, como parece desejar, pois cobarde nunca fomos, nem intrigistas, como o illustre e arrojado colega pretende e podemos provar.

Já nos esquecia dizer que, quanto a Briteiros (S. Salvador), em vez de Briteiros (Salvador), com que, como o erudito colega diz, costumamos encimar as nossas correspondências, devemos informá-lo de que, se é êro, também as Entidades Officiais o cometem, nas suas correspondências officiais, e despachos dos Ministérios para o D. do Govêrno, Distritos Escolares, Câmaras, Administrações de Concelho, etc.; porisso, não queremos ser mais papista do que o próprio Papa, e esperamos que V. Ex.ª nos releve esta falta.

Como vê, as Entidades e Autoridades supra-cidades, não devem ter frequentado a Universidade da cidade de Caldas das Taipas, que o senhor, por felicidade, frequentou. Bem dizemos nós que, quando V. Ex.ª chegar aos Ministérios, muda tódo isto!

Agora, para acabarmos, devemos dizer que, assim como nós dizemos que não é você o autor das noticias que assina, pelo menos na sua maior parte, também é natural que duvide das nossas; mas, caro senhor, se duvida, convidamo-lo, desde já também, a uma prova de aptidões de redacção, etc., prova esta que será presidida por um júri competente e estranho às duas partes, o qual apreciará, no fim, as ditas aptidões das duas partes, pronunciando-se, na devida altura, sobre as mesmas, e dizendo da razão ou sem razão das nossas dúvidas.

Para terminar: Mais uma vez declaramos, que não nos move espirito algum de animadversão por A ou B, como os factos o terem provado e provarão.

Se nunca prestamos homenagem às qualidades do Sr. P.ª Silva Gonçalves, cuja ciência e aptidões admiramos, quer como Padre, quer como escritor erudito, que é, também nunca as prestamos ao Sr. P.ª José, pelo que provamos, ainda e sempre que não fazemos fretes a quem quer que seja, como pretendeu dizer o, mais uma vez, illustre colega da cidade... das Taipas.

N. R. — O nosso solicito correspondente de Briteiros fez, neste jornal, algumas considerações. O sr. José de Oliveira, das Taipas, julgando-se atingido veio dizer nas nossas colunas o que entendia sobre o assunto em questão. Agora é de novo o nosso correspondente que diz de sua justiça, dando nós por terminado o incidente.

## CÃO PERDIGUEIRO

Desapareceu perto da Póvoa de Lanhoso, que dá pelo nome de «Polo». E' malhado e ainda novo.

Gratifica-se quem o entregar ou indicar o seu paradeiro, procedendo se contra quem o tiver.

Dirigir-se a António Simões — Fábrica da Cruz de Pedra — Guimarães.

Braga, fazendo as suas colações como os mais párocos do arcebispado. 17º o D. Prior a primeira dignidade desta colegiada do Padroado Real, sem mais privilégios que criar um Vigário que chamam dos cônegos para conhecer dos crimes dêles como alega Agostinho Barbosa (Depostestate episcopi, parte 3.ª alegação n.º 11, prope finem) sendo cousa inaudita e temerária em grave prejuizo para a mitra de Braga dizer-se que o D. Prior tem jurisdição quasi episcopal porque em termos terminantes lha nega o mesmo Barbosa, na dita alegação (n.º 5) onde se ventila a jurisdição sobre a encomendação das igrejas, unidas à tesouraria-mor da dita colegiada que possuira o referido Agostinho Barbosa que, escrevendo em facto próprio e sendo natural da mesma vila, merece neste lugar mais autoridade, maiormente constando que o D. Prior é tão subdito da Mitra de Braga, como os mais clérigos do arcebispado, como, em semelhante caso, decretou o Papa Inocência III, no Capitulo Cum licet promissionibus: Ideo que mandamus quatermes praefecto Archiepiscopo Bracharense obdientiam et venerantiam debitam sicut alii clericis suae diocesis facient ubi. Eis na integra, o que nos communicou o dito documento.

## Pela Câmara

Sessão de 21 de Novembro:

Nesta sessão, a C. A. aprovou a seguinte proposta, apresentada pelo vereador sr. A. L. de Carvalho:

1.º Que seja concedido um subsídio de 5.000\$00 à Casa do Povo de Roufe, destinado à construção de uma sala de aula para o sexo masculino; 2.º que a Repartição de obras municipais elabore o projecto desta obra, ouvindo previamente a direcção da referida Casa do Povo; 3.º que, existindo algum material nos Armazéns da Câmara utilizável à construção da sala de aula, lhe seja concedido.

— A Associação Comercial e Industrial de Guimarães comunicou à Câmara que os comerciantes de fazendas de lã, algodão, camisaria, gravataria, chapelia, guarda-solaria, ourivesaria, relojaria, mercadores, resolveram propor à aprovação da Câmara a abertura dos seus estabelecimentos no dia 8 de Dezembro próximo, sem prejuizo da hora do encerramento na véspera dêse dia encerrando os estabelecimentos no dia 10, para efeito do descanso semanal aos empregados. Comunica que os comerciantes propõem também à aprovação da Câmara a abertura dos seus estabelecimentos no dia 22 de Dezembro próximo, sem prejuizo da hora de encerramento na véspera dêse dia, encerrando os estabelecimentos no dia 25, para efeito do descanso semanal dos empregados.

A primeira proposta abrange só os estabelecimentos da cidade e a segunda todos os do concelho.

A Câmara resolveu aceitar as propostas e submetê-las à aprovação superior do Delegado do I. N. T.

A Câmara autorizou o pagamento de 1.000\$00 ao Licen para uma instalação eléctrica e 8.000\$00 à «Casa dos Pobres».

Sessão de 28 de Novembro:

Em sua sessão, a C. A. deliberou:

Pôr em arrematação pública o edificio do Teatro D. Afonso Henriques; aprovar a tarifa para a applicação do imposto de trabalho; fazer incidir esse imposto sobre as freguesias da cidade; autorizar o pagamento do resto da derrama cobrada para a construção do cemitério da freguesia de Polvorira.

Proceder à arrematação da obra de assentamento de guias, guardas e soleiras, na Avenida da ligação da Rua de Paio Galvão ao lugar dos Pombais, sendo arrematante António Ribeiro, empreiteiro, desta cidade, pela quantia de 50.600\$00; proceder-se, também, à arrematação da obra de ferro da parte interior, compreendendo as escadas da Praça do Mercado desta cidade, sendo arrematante Alvaro Alves Pinto, desta cidade, pela quantia de 37.000\$00.

## JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS  
Escritório — R. Gravador Molarinho, 32  
(Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

Lêde e assinaí o «Noticias de Guimarães»

Consultando nós um publicista vimaranense relativamente a êste documento, por êle foi-nos respondido que se aquelle Agostinho Barbosa escreveu antes de 1621, estará, com a consciência, bem; se foi de 1621 por diante, estará ou não porque o Cabido impugnou-lhe os Breves de puridade sanguinis e durou esta demanda até à data da acclamação de D. João IV. Ele não residiu no beneficio pois dêle esteve sempre afastado; portanto é de supor que escrevesse a seu bel prazer. Era suspeito para com a colegiada. Ele foi tesoureiro-mor da colegiada.

D. Luís Saldaanha de Oliveira e Sousa esteve ausente muitos anos, residindo no seu palacete da Anunciada, em Lisboa e visitando a colegiada, decorridos 26 anos, foi recebido, por tóda a nobreza local, comunidades religiosas e clero secular, com estrondosas e brilhantes festas durante três dias, música, fogo de artifício e luminárias. Este D. Prior, irmão do conde de Rio Maior, faleceu em Madrid em 24 de Outubro de 1714 quando se dirigia para Roma, no seu coche, no qual saíra do seu palácio e desejava entrar na capital, centro da cristandade.

(Continua).

P.ª ALBERTO GONÇALVES.

## EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinopticos da História Vimaranense)

A residência dos D. Prioeres

XIII

Disponham estas entidades eclesiásticas de um palácio seu para residência que está collocado ao lado do templo com portas de comunicação para o claustro da colegiada. No portão de entrada depara se nos o braço heráldico dos seus possuidores com estas legenda e data: Deo honore-1576, ano porventura da colocação ali das suas armas brasonadas e não da reconstrução do templo ou construção do edificio pois é muito natural que nele já se aposentasse D. João I nas várias vezes que veio a esta vila. Seja como for, o que não se pode negar é a antiguidade muito remota da sua origem.

E' uma ampla construção, vulgarmente conhecida pela Casa do Prioeres, em cujas dependências residia actualmente o pároco da freguesia, Mosenhor João António Ribeiro, que é também arc-preste, tem a sua residência e vigorou muitos anos no Seminário de preparatórios para o curso Teológico do Seminário Conciliar de Braga. Poucos foram os D. Prioeres que ali

residiram, sendo talvez o último o único que nelle sempre habitou. Os outros costumavam habitá-lo às temporadas, muito limitadas, com o fim sempre de irem visitar a sua colegiada, de ano a ano. Alguns houve que passaram anos sem fazerem as suas visitas e outros nunca as fizeram, tomando posse do lugar, para que haviam sido nomeados, por intermédio dos seus procuradores.

Por exemplo D. João de Bragança em 1539 residia em Évora; D. Gomes Afonso em 1541 vivia em Lisboa donde partiu para Coimbra na companhia do bispo de S. Tomé D. Frei Bernardo da Cruz, ambos encarregados, como inquisidores, de irem aquella cidade, nomeados pelo inquisidor geral, o cardinal D. Henrique, para instituirem o tribunal da Inquisição, hospedando-se no convento de Santa Cruz, da mesma cidade enquanto não arrajassem casas para o dito Tribunal e cuja instalação se fez nos colégios de Todos os Santos e S. Miguel, sendo extinto em Maio de 1821; D. Bernardo de Ataíde, em 1631, D. João Lobo Faro, em 1642, D. Luís Saldanha de Oliveira e Sousa, em 1714, que residia também em Lisboa assim como D. José Teles da Silva, todos habitaram fora de Guimarães e ausentes da sede do seu

cargo, administraram-no das localidades, onde se encontravam, por intermédio de representantes seus da mesma colegiada e até por entidades estranhas à mesma, amigos seus pessoais.

Uns conservavam-se ausentes por determinação régia, outros por motivo de falta de saúde e outros por conveniência própria.

De resto todos se baseavam para assim proceder porque — afirmavam — que haviam documentos pontíficos que a tal os autorizavam, o que ainda hoje não foi sufficientemente demonstrado nem esclarecido nem mesmo confirmado, porque os documentos até agora encontrados contradizem-se uns com os outros.

O dr. Bernardino Ribeiro, diz a êste respeito nos seus Elementos de Direito Eclesiástico Portuguez § 150: Este priorado (N. S. da Oliveira de Guimarães) está declarado livre de residência pela Congregação do Concilio de que se deu aviso ao Cabido de Guimarães pela C. R. de 28 de Setembro de 1611. Num documento ou códice 51-V 18 a fl. 33 por nós lido na Biblioteca da Ajuda se diz também que: o Prior-mor de Guimarães é livre, por sentença de Roma, da residência. No mesmo códice, que é datado de 26 de Maio de 1612, noutras mais adiante

daquellas acima indicadas se diz que: El rei mandou à Mesa da Consciência uma carta do Prior de Guimarães contra o arcebispo de Braga por o obrigar a residir. A Mesa consultou o Prior: se conservado na posse de não residir e se devia pedir ao Papa para que determinasse a questão em uma congregação.

O arcebispo de Braga D. Gaspar de Bragança, filho bastardo de D. João V, um dos célebres meninos de Pathava, também diz em um dos Capitulos da sua visitação à colegiada, efectuada em 15 de Setembro de 1784 que: desde o seu antecessor D. Rodrigo Moura Teles que não estava resolvida a causa da Residência dos D. Prioeres, movida pelo D. Prior D. João de Sousa. Aquele prelado D. Rodrigo titulha mandado proceder contra o dito D. Prior, quando em 1714 fizera a sua visita à colegiada por êle estar ausente do seu cargo havia muitos anos.

Um outro documento, na mesma biblioteca, por nós encontrado, diz acerca do assumto completamente o contrário de que afirma o documento, a que acima nos referimos.

O Priorado de Guimarães — diz êste documento — é beneficio curado com residência pessoal e para posse dêle se examina sinodalmente na Relação de